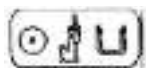


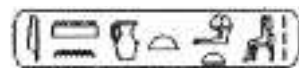
# HATCHEPSUT

A MULHER QUE FOI

# FARAÓ



Maatkaré



Hatchepsut

«Ela exercerá esta ilustre e benfazeja função real em todo o país»

Entre as mulheres que desempenharam a função de governantes no antigo Egípto, a mais célebre e conhecida é seguramente Cleópatra, a última representante da dinastia dos Ptolomeus, que reinou entre os anos 51 e 30 a.C.

Cerca de 1500 anos antes dela, porém, entre 1498 e 1483 a.C., no período da história do Egípto antigo chamado Império Novo, na XVIII Dinastia, uma outra mulher ascendeu à categoria de *per-aa* ou faraó, como vulgarmente designamos os reis do Egípto. Chamava-se Hatchepsut e, se considerarmos as imagens idealizadas da estatuária régia, era uma mulher bonita, de leve sorriso, olhos amendoados, nariz comprido, faces magras, boca pequena, lábios finos e queixo diminuto - Fig. 1.

Foi uma excepcional situação esta a de uma mulher ascender à categoria real e conformar-se ao ideal faraônico, embora ela não tivesse sido a primeira nem a única mulher faraó no Egípto.

Hatchepsut era filha de faraó, irmã de faraó, esposa de faraó, mas, como mulher, não lhe estava destinado o supremo exercício da realeza egípcia. Filha do faraó Tutmés I e da rainha Ahmés, Hatchepsut casaria com o seu meio-irmão Tutmés (filho de Tutmés I e de uma esposa menor), que se tornaria o sucessor do pai como Tutmés II. Este casamento consanguíneo não geraria filhos do sexo masculino, somente uma menina de nome Neferuré, cujo significado é «Perfeita é a luz do Sol». Assim, à morte de Tutmés II, a dignidade real não foi conferida à princesa Neferuré, mas sim a Tutmés III (que devia ter na altura entre 5 e 10 anos), filho de uma esposa menor de Tutmés II chamada Ísis.

A Hatchepsut, rainha-viúva, estava reservada a regência durante a menoridade do seu sobri-

nho e enteado, como já acontecera com outras rainhas egípcias, em particular no início da sua dinastia (no século XVI, por exemplo, Ahmés Nefertari foi regente na menoridade do faraó Amenhotep I). Hatchepsut desempenhará o papel de típica regente, conferindo ao jovem Tutmés III a precedência em todas as actividades.

Pouco depois de assumir essa responsabilidade, porém, no ano 2 de Tutmés III, um oráculo do deus Amon promete-lhe o trono. Cinco anos mais tarde, no ano 7 de Tutmés III, assume uma titulatura faraônica, como faria qualquer legítimo faraó masculino anterior.

Hatchepsut, com a ajuda dos seus partidários, inventa um período de realeza conjunta com o seu falecido pai para assim justificar a sua assumpção da realeza. Ambiciosa, a rainha transforma a regência numa co-regência institucional e para o efeito socorre-se de todos os atributos de um legítimo faraó.

Fazendo-se coroar e usando a titulatura tradicional dos faraós, Hatchepsut passa também a usar as insígnias de poder (ceptros, coroas, vestes) e os atributos do cargo real, como a barba postiça e o epíteto de «touro», até então reservados exclusivamente aos titulares masculinos da realeza. Hatchepsut reunia em si as polaridades masculinas e femininas, mas assume, por motivos políticos, a aparência de um homem. É sob esta aparência que surge representada, por exemplo, na «Capela Vermelha» (formada por blocos de quartzito vermelho), um santuário da barca do deus Amon, decorado com cenas comemorativas de determinados acontecimentos do reinado da faraó, hoje erguido no chamado «Museu ao ar livre» no templo de Karnak.

O seu exercício do poder egípcio não teria, todavia, sido possível sem a ajuda de uma série de competentes e gradados oficiais da administração egípcia, onde se destacam, pelo apoio às suas pretensões, o vizir Ahmés (que ocupou o vizirato no Alto Egípto), Djehuti (o encarrega-

do dos fornecimentos de metais para as grandes construções de Karnak e de Deir el-Bahari), Senemiah (entre muitos outros títulos e ocupações, «*escriva real e das contas*»), Hapuseneb («*Primeiro profeta Amon*», ou seja, sumo sacerdote do deus Amon) e Senenmut («*Segundo Profeta de Amon*»).

Devido à sua competência técnica, Senenmut ficaria associado à construção, a partir do 8º ano de reinado da faraó, do «templo dos milhões de anos» de Hatchepsut, em Deir el-Bahari, dedicado a Amon, construído em calcário e desenvolvido em três terraços precedidos por colunatas, significativamente conhecido como *djeser djsesu*, «o sublime dos sublimes», e ao transporte e levantamento do par de obeliscos de granito rosa de Assuão da rainha-faraó no templo de Karnak. Os outros dois obeliscos de Hatchepsut, em Karnak, dos quais um, com 29,56 metros de altura, ainda está pé, foram erguidos por Amenhotep.



Fig. 1  
Estátua de calcário de Hatchepsut, com 1,95 m, proveniente do templo funerário de Deir el-Bahari.

Metropolitan Museum of Arts of New York.

Senenmut foi, sem dúvida, um poderosíssimo personagem da corte de Hatchepsut. É, aliás, admitido que Senenmut gozou de uma relação de intimidade com a faraó que transcendia as meras relações oficiais .... Pascal Vernus e Jean Yoyotte são explícitos: ele «*fut le favori et peut-être l'amant*» de Hatchepsut.

Sobre a «proximidade» das relações entre Hatchepsut e Senenmut, que, entre outras distinções, se associava também estreitamente à família real, como preceptor de Neferuré (filha de Tutmés II e de Hatchepsut) - Fig. 2 - e como responsável pelos paramentos e insígnias da rainha-faraó, Christianne Desroches-Noblecourt diz-nos: «*il apparut comme le second personnage du pays. Sa fidélité semble avoir été totale. Attaché à toutes ses réalisations, il lui témoigne visiblement un respect et une quasi-dévotion*».

É claro que Hatchepsut só pôde alcançar o desiderato real porque beneficiou do decisivo apoio destes importantes dignitários, alguns



Fig. 2  
Estátua do arquitecto e director de trabalhos de Hatchepsut como preceptor da princesa Neferuré, filha de Hatchepsut e de Tutmés II. Museu Egípcio do Cairo.



Fig. 3  
Baixo-relevo do templo funerário de Hatchepsut em Deir el-Bahari, mostrando a rainha de Punt, Eti, e o seu marido Perehu.

deles, como se percebe pelos seus títulos, membros do alto clero de Amon, uma verdadeira potência económica, administrativa e ideológica na sua época. Como dizia Sir Alan Gardiner: «*It is not to be imagined (...) that even a woman of the most virile character could have attained such a pinnacle of power without masculine support*».

Foi com a empenhada ajuda destes altos funcionários que a rainha e depois faraó desenvolveu uma consistente teoria política que, para justificar a sua pretensão ao trono real, fazia dela uma filha carnal do grande deus do Império Novo, Amon, concebida de forma milagrosa. Toda a ficção ideológica, representada em eloquentes imagens em Deir el-Bahari, no seu templo funerário, conhecida como «o nascimento divino de Hatchepsut», constitui um extraordinário exercício de propaganda, destinado justamente a promover alguém que, de outra forma, nunca poderia ter ascendido ao poder.

Não obstante a ficção política e o facto de não se conhecerem grandes conquistas feitas durante o seu reinado, o período em que Hatchepsut esteve politicamente à frente do Egipto foi próspero e destacou-se por extraordinárias proezas, designadamente no campo das relações comerciais e da exploração mineira (sobretudo no Sinai, em Serabit el-Khadim). A rainha enviou numerosas expedições ao exterior (África e Arábia) em busca de matérias-primas e produtos exóticos.

A mais célebre das suas expedições comerciais, sob o comando de Nehesi, o portador do selo real, dirigiu-se, no ano 9 do seu reinado, ao chamado «país de Punt» (provavelmente a Somália ocidental ou Djibuti). Nos relevos de Deir el-Bahari figuram igualmente baixos-relevos que mostram os 210 homens mobilizados para a empresa e os cinco navios egípcios nela envolvidos carregados de mercadorias (resinas, gomas aromáticas, árvores raras, peles de felinos, animais selvagens, ébano, marfim, ouro, electrum, etc.).

Uma outra representação curiosa de Deir el-Bahari relacionada com esta expedição mostra a rainha de Punt, de seu nome Eti, com uma volumosa e disforme aparência (a rainha tem o aspecto de quem sofre de esteatopigia, uma enfermidade que afectava algumas das populações africanas), o seu marido Perehu e numerosos servidores levando presentes para a faraó Hatchepsut - Fig. 3.

Hatchepsut morreu por volta de 1483 a.C., tendo o seu túmulo sido construído, sob orientação do vizir e sumo sacerdote de Amon Hapuseneb, no Vale dos Reis (KV 20), a uma profundidade de 97 m, seguindo um percurso semicircular ao longo de cerca de 124 m. O inusitado da situação (uma mulher enterrada como faraó no Vale destinado aos faraós masculinos egípcios) constituiu um sinal do êxito dos seus intentos.

À morte da sua tia e madrasta, Tutmés III, durante cerca de 20 anos afastado do poder, sobe então, por fim, ao trono do Egipto, vindo a tornar-se num dos maiores faraós da história egípcia, talvez mesmo o maior faraó do Império Novo.

Para alguns egiptólogos, durante o reinado do «Napoleão da Antiguidade», como lhe chamou a historiografia francesa, em alusão à intensa e vitoriosa acção militar de Tutmés III, ocorre uma operação de apagamento da memória (*damnatio memoriae*) de sua tia, que foi, talvez, a maior humilhação feita a Hatchepsut, cujo nome, em consequência, foi omitido das listas reais egípcias. Mesma sorte conheceria o seu «amigo» Senenmut, cujas imagens e nome foram martelados e raspados dos seus monumentos.

Independentemente desta acção de esquecimento eterno, intencional ou acidental, ter sido perpetrada por Tutmés III ou por um qualquer outro faraó posterior, o que é certo é que a múmia de Hatchepsut nunca foi identificada de forma segura.

Recentemente, em Junho de 2007, o nome de Hatchepsut voltou à ribalta: um dente molar contido numa caixa de madeira com o nome da antiga faraó egípcia levou os estudiosos, entre eles o Director do Conselho Supremo das Antiguidades Egípcias, Zahi Hawass, a associarem-no à múmia de uma mulher obesa encontrada no túmulo 60 do Vale dos Reis (KV 60), para onde os sacerdotes de Amon, durante as XXI e XXII dinastias, haviam deslocado uma série de múmias para as colocarem a salvo dos «ladões de túmulos», a quem faltava o referido dente.

A múmia da mulher obesa, embora sem qualquer semelhança com as lindas representações escultóricas da faraó em vida, foi, assim, identificada como sendo de Hatchepsut, a mulher que, no século XV a.C., foi reconhecida como faraó e capaz, como dizem os textos antigos, de exercer a «*benfazeja função real em todo o país*».